

Novos discursos e modelagens do envelhecimento contemporâneo

New discourses and models of contemporary aging

Monique Borba Cerqueira¹

Resumo

Assiste-se hoje a mudanças importantes no setor saúde, ancoradas por transformações sem precedentes no âmbito das tecnologias. Os discursos de longevidade, bem-estar e qualidade de vida passaram a ser estreitamente conectados a uma gramática relacionada à vida, ao corpo e à saúde que extrapolam as exigências do controle de populações, dando lugar a poderosas tecnologias de governo. O corpo, ao despertar múltiplas inquietações, tanto entre os próprios sujeitos produtores de identidade, resistências e sofrimentos, quanto entre pesquisadores que têm explorado exaustivamente novas configurações de pesquisa, surge como objeto de aspiração humana universal, inscrito em todos os segmentos da sociedade. O corpo que envelhece encontra na saúde a sua maior preceptora. A saúde é a instituição que mais intercede nos processos do envelhecimento humano — a saúde hoje ensina, constrange, monitora o envelhecer a partir de uma lógica de pedagogização da velhice, prática caracterizada por mecanismos de prudência e lisura.

Esse texto procura mostrar contextos, novidades, conflitos e resistências, segundo topografias socioculturais que revelam modos de envelhecer na contemporaneidade em diálogo com áreas sociais modelares como Saúde, Educação e Comunicação.

Palavras-Chave: Envelhecimento; Vida saudável; Modos de envelhecer contemporâneos.

Abstract

Important changes are currently being witnessed in the healthcare sector, anchored by unprecedented transformations in technologies. The discourses on longevity, well-being, and quality of life are now closely connected to a grammar related to life, body, and health, extending beyond the demands of population control and giving rise to powerful governance technologies. The body, by arousing multiple concerns both among the subjects that produce identity, resistance and suffering and among researchers who have explored new research configurations, emerges as an object of universal human aspiration, inscribed in all segments of society. The aging body finds its greatest preceptor in health. Health is the institution that most intercedes in the processes of human aging — health today “teaches” us to grow old based on a pedagogization of old age, a practice characterized by mechanisms of prudence and smoothness.

This text seeks to show innovations, conflicts and resistances, according to sociocultural topographies that reveal the ways of aging in contemporary times in a dialogue with model social areas such as Healthcare, Education, and Communication.

Keywords: Aging; Healthy life; Contemporary ways of aging.

¹ Monique Borba Cerqueira (moniqueb@terra.com.br) é cientista social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Mestre em Sociologia pela Universidade de Campinas (UNICAMP), Doutora em Políticas Sociais e Movimentos Sociais e Pós-Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Pesquisadora Científica do Núcleo de Práticas de Saúde do Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (SES-SP).



Introdução



Cena da animação “Up - Altas Aventuras”³, em que o personagem Carl Fredricksen, de 78 anos, está sobrevoando o espaço dentro de sua casa içada ao ar por balões.

Prudência e vigilância marcam o acelerado fenômeno do envelhecimento populacional, evidenciando uma preocupação internacional no âmbito da saúde, política e economia. O envelhecimento passa a justificar a redefinição de políticas e programas que visam transformar o perfil mundial da velhice. Surgem novas modalidades políticas de gestão da população idosa.

Predomina a visão biológica do envelhecer. A velhice passa a ser objeto de inúmeras práticas vinculadas ao discurso médico, desde o envelhecimento saudável, até a qualidade de vida e a terceira idade.

Atualmente, o aumento sem precedente da expectativa de vida pode ser considerado, simultaneamente, o maior avanço da história recente da humanidade e também motivo de alerta aos governos de todo mundo. Foi dessa forma que o processo de envelhecimento da população tornou-se protagonista dos debates sociais, pauta obrigatória na economia mundial, o que fez emergir uma realidade surpreendente e fugidia que reúne elementos positivos e negativos num cenário em permanente ebulição.

O envelhecimento celebrado pelo aumento mundial da longevidade tornou-se uma enorme conquista social, permitiu alterações estruturais na sociedade com impacto no mundo do mercado, do consumo e da mídia. Sobretudo, nos

últimos 40 anos no Brasil, envelhecer tornou-se um objeto de debate privilegiado, ao repercutir no âmbito da família, da comunidade, metamorfoseando drasticamente a experiência individual.

A longevidade aparece como uma grande revolução, uma imensa diversidade que aponta para a multiplicação indefinida de experiências, criando nexos com um repertório de novos fatos impensáveis. Tal cenário coloca os segmentos longevos prontos a negociar com a realidade novas inserções socioeconômicas e políticas. Mas concomitantemente, emerge uma profusão de recusas que atravessam as novas celebrações identitárias do envelhecer.

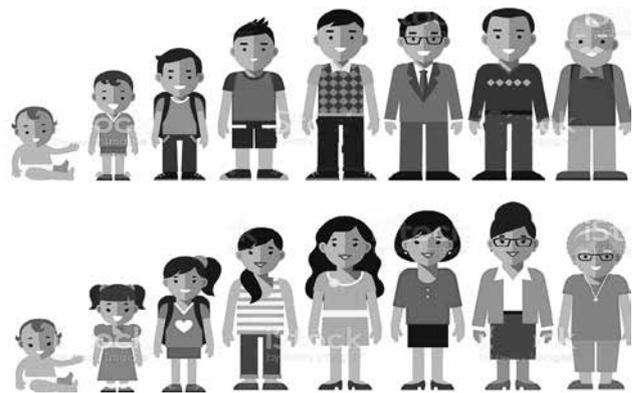
Como fenômeno de massa amplamente reproduzido pelo aparato midiático, os novos modos de envelhecer revelam condições rigidamente definidas quando remetidos aos comportamentos que se esperam desse grupo de idade. Temos envelhecido presos ao resgate da juventude e do rejuvenescimento como valores dominantes, ancorados em condutas e comportamentos previsíveis, irrefletidos, com espaço para uma visão de mundo pouco crítica, com prejuízos para a vida de quem envelhece. Nesse sentido, a emergência da multiplicidade como perspectiva na interpretação dos fenômenos recentes que envolvem o envelhecer dá a ver uma maior inserção social, mas também fragilidades, novos vazios afetivos, recusas, como as provocadas pela forte presença da medicalização — inconformidades que irrompem de todos os lados e, eventualmente, são apaziguadas por serviços e produtos oferecidos pela mídia.

Trata-se, muitas vezes, de um modelo de envelhecer que não admite que estejamos felizes apenas por estarmos vivos, maduros e satisfeitos com a nossa própria trajetória de vida. Ao contrário, a realidade nos informa que a felicidade na velhice vem sendo permanentemente associada a um conjunto de princípios normativos e estilos

de vida juvenilizantes e hiper ocupacionais, o que no limite pode evidenciar sofrimento, desconforto e constrangimento entre os segmentos longevos.

Este é um artigo de revisão que procurou identificar conceitos e análises, apontando ainda problemas e questões essenciais que necessitam de estudos no campo do envelhecimento. Além disso, este trabalho parte do resultado de minhas pesquisas anteriores que, ao problematizarem a velhice e o envelhecimento, evidenciam uma série de fatores controversos na nova discursividade pautada pela velhice e o envelhecimento.

Envelhecimento, mídia e juventude



Uma reconfiguração contemporânea da cultura dos grupos de idade vem determinando novos enquadres corporais, novas formas de pensar e existir, redimensionando corpos, comportamentos e mentalidades⁹ (p.86).

Talvez nada tenha tanta importância hoje para pensarmos o envelhecimento contemporâneo quanto a compreensão das transformações que vêm ocorrendo com os grupos de idade, tal como nós os conhecemos⁶ (p.14). Ao longo das últimas décadas, observa-se que todos os grupos de idade vêm sofrendo uma compressão, aproximando-se dos valores da vida adulta, com forte acento num estilo de vida jovem. Esse movimento de compressão ou constrangimento faz

com que características tradicionalmente aceitas para distinguir grupos etários estejam em mutação. Bebês são estimulados a acessar *tablets* e outras tecnologias (associadas à juventude), acelerando o desenvolvimento infantil, segundo os padrões e princípios da juventude contemporânea. A velhice vem sendo remetida à alegria, ao gozo juvenil, à ação e à aventura, associada ao preenchimento do tempo livre. Estimula-se a responsabilidade e maturação dos adolescentes, de ambos os sexos, cuja iniciação sexual ocorre de forma cada vez mais precoce em casa, com o estímulo e a anuência dos pais. Pode-se afirmar que a transformação mais uniforme sofrida por todos os grupos de idade é a perspectiva modelar que projeta estilos, *looks* e visões de mundo, tendo a juventude como valor absoluto. A chamada juvenilização da sociedade é um fenômeno que trouxe uma profunda mudança, produzindo padrões de juventude nas mais diversas esferas. Os valores produzidos pela cultura jovem são arrebatadores — beleza, ousadia, sensualidade, descontração, força, alegria liberdade e muito mais² (p.15). Nessa direção, o indivíduo que envelhece hoje se encontra circunscrito ao desafio social de manter a juventude e a jovialidade, pois é necessário estar sempre pronto ao novo e, com entusiasmo, experimentar, ousar e ultrapassar fronteiras, porém, não sem contradições. O corpo tradicionalmente como lugar do sofrimento na velhice defronta-se com o corpo imagem da felicidade e essa equação ameaçadora parece longe de solução. Ainda assim, a boa nova é que os estudos de geração e as relações cultura-sociedade-Estado-mercado e mídias são alguns dos objetos em comum, fortemente problematizados, quanto às transformações do envelhecimento como fenômeno multidimensional que, antes isolado e desqualificado, não despertava o interesse investigativo de hoje.

Se a obsolescência do corpo já não responde à perfeição, sempre haverá alguma forma de rejuvenescer, adotando-se uma vida ativa, mantendo-se a boa forma, o ideal de perfeição e a integridade moral dos corpos sob auto-vigilância. Até porque são muitas as formas de tentar deter ou moldar a velhice, não faltam recomendações e advertências na manutenção de um modelo de corpo obediente, saudável, rejuvenescido — universalmente validado.

O fato é que as novas representações do envelhecimento vêm sendo consumidas velozmente. Elas demandam agilidade de quem envelhece, energia para as tarefas diárias, pois manter-se jovem significa para muitos conservar a boa forma e a aparência para garantir uma melhor inserção na vida social. As marcas biológicas do tempo podem ser apagadas com cirurgias plásticas, intervenções estéticas/cosméticas, prática de atividade física, alimentação saudável e muito mais. Nessa direção, o indivíduo que envelhece hoje se encontra circunscrito ao desafio social de manter a juventude e a jovialidade, pois é preciso estar sempre pronto ao novo e, com entusiasmo, ultrapassar obstáculos e fronteiras. Estamos diante do alto valor social representado pela juventude, projetando estilos e visões de mundo em todos os grupos de idade, com forte influência sobre as áreas da ciência e da saúde, cujo investimento em procedimentos técnicos e terapêuticos está em conformidade com a longevidade e o rejuvenescimento humano.

No entanto, quando ser jovem é uma meta de vida, ser velho passa a ser uma representação cada vez mais negativa e angustiante do existir. O envelhecimento natural passa a ser vergonhoso, embaraçoso, inadequado, símbolo de morte social. Não há lugar para a velhice assumida, aquela que não vive o desespero de vigiar as adequações de cada detalhe do corpo, cuja

meta é catapultar o rejuvenescimento. Nessa direção, envelhecer passa por diferentes graus de recusa cujas implicações intensificam o sofrimento social de todo um grupo de idade. Mudanças radicais, modismos contemporâneos, vícios e patologias surgem como fatores diversos que atingem, em cheio, os grupos longevos, influenciando modos de envelhecer de indivíduos, grupos e coletividades. Mudanças tecnológicas no setor do consumo e nos ideais da sociedade estimulam a produção de novas relações éticas que ainda estão longe de terem sido implementadas no mundo que envelhece.

O consumo material exaltado pelas mídias tem nos produtos e serviços, a representação da juventude, a partir de imagens, atitudes e comportamentos, produzindo uma vigorosa dimensão de consumo simbólico. O rápido avanço tecnológico das últimas décadas distingue-se muito fortemente na esfera midiática. Sabemos que o aparente processo de democratização do acesso e da veiculação da informação nas novas plataformas de comunicação não significa maior afluência à democracia. As linhas editoriais que constituem a pauta da grande mídia têm uma intenção acentuadamente mercadológica, assumindo um papel muito importante na produção da realidade, conforme os interesses discursivos que acabam por fabricar desejos, sem qualquer preocupação ética com os grupos de idade. Um exemplo de como atuam as mídias sociais pode ser observado na divulgação do “Felizômetro”, extravagante índice que não exhibe detalhes de como foi criado pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) para mensurar o grau de felicidade dos consumidores acima dos 60 anos. O índice mostra que a maioria das pessoas da terceira idade está satisfeita com as atuais condições de vida. De acordo com o levantamento realizado com 632 idosos em todas as capitais brasileiras, quase oito em cada dez entrevistados (78%)

atribuem nota igual ou superior a oito na hora de expressar a satisfação com o seu modo de vida. Além disso, segundo a pesquisa: “é proibido se sentir velho e não se considerar idoso, aumenta as chances de felicidade!”⁸.

As emoções e comportamentos dos mais velhos jamais foram uma mercadoria tão valiosa no universo midiático, uma vez que os meios de comunicação de massa, que tem muito mais que a “necessidade de sua ração cotidiana de assuntos”, torna a vida suscetível a manipulações de toda ordem⁴ (p.23).

Pedagogização do envelhecer

Nas últimas décadas, proliferaram discursos enobrecedores, qualificadores da velhice, capazes de significar o envelhecimento e designar o velho como sujeito de *status* definido, ao contrário do período anterior, em que predominavam o descrédito, o desrespeito e a depreciação dirigidos aos segmentos mais longevos, como aponta Silva⁷:

“O surgimento da categoria terceira idade é considerado pela literatura especializada, uma das maiores transformações por que passou a história da velhice. De fato, a modificação da sensibilidade investida sobre a velhice acabou gerando uma profunda inversão dos valores a ela atribuídos: antes entendida como decadência física e invalidez, momento de descanso e quietude passa a significar o momento do lazer, propício à realização pessoal, à criação de hobbies e o cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos à família” (p.161).

Tal fato é concomitante à inauguração de uma hábil e vigorosa disseminação na mídia de conteúdos ligados à ideia de valorização do idoso. Hoje, indivíduos, grupos e coletividades produzem e compartilham enquadres que vêm

construindo e consolidando os sentidos de envelhecer no âmbito da política, cultura e sociedade.

Ensinar a envelhecer passa a ser uma tarefa afinada com processos pedagógicos, fortemente apropriados pela área da saúde e com grande repercussão midiática no âmbito da cultura e dos segmentos de consumo. Tal é o papel das instituições, instrutoras sociais que asseguram a adaptação e ensinam que envelhecer passa por inquéritos e averiguações corporais e comportamentais. Nunca envelhecer foi objeto de tantas molduras e condutas. Dessa efervescência de discursos sobre o envelhecimento têm surgido novas visibilidades para a equação “envelhecer”, em que se constata a construção de distintas imagens da velhice que não cessam de surgir. O envelhecimento dos corpos sugere correção. O reparo corporal mais perfeito é também comportamental. É necessário ser capaz de converter o próprio corpo em juventude – independência, força, energia, equilíbrio, beleza – qualidades injetoras de pertencimento social indispensáveis para quem envelhece hoje. Evidencia-se uma produção desmedida de molduras culturais e institucionais, em que o envelhecimento vem se tornando objeto de inúmeras tentativas de padronização, como as que ocorrem a partir de todo um sistema de prescrições médicas, morais e comportamentais que atravessa o âmbito da cultura na atualidade. O desafio contemporâneo que se distingue pelas iniciativas de reinventar o novo tem hoje nos debates sobre velhice um farto coquetel descritivo sobre quem são os velhos, o que pensam, quais suas necessidades e como se comportam no atual cenário social.

O envelhecimento sob a exigência do aprimoramento moral e corporal tem oferecido aos mais velhos uma diminuta autonomia reflexiva sobre o que representa envelhecer hoje. É assim que a invenção do envelhecimento ativo¹¹

(p.13) (...) passa a ser um projeto de celebração do rejuvenescimento que induz a uma imagem da velhice associada à produtividade e a uma visão homogeneizante do envelhecer “excessivamente instrumentalizadora da vida”⁵ (p.86).

A intensa prática pedagógica que pretende ensinar a sociedade a envelhecer por meio de modos obrigatórios de rejuvenescimento, vivacidade e presteza faz parte do processo ressocializante do velho cujo mote é instruir, educar, sanear, reparar, conduzir e adaptar. Ressalta-se que, paralelamente às estratégias de modelagem propostas, ocorre a emergência de grupos e indivíduos idosos decididos a surpreender com audácia os padrões majoritários do processo de envelhecimento. Portanto, para além dos contornos que arbitram sobre a dinâmica de envelhecer, estamos diante de um fenômeno único com um campo de possibilidades e fluxos reais baseados na busca da autonomia, resistência e transformação que começam a ser exploradas por aqueles que envelhecem em todo o mundo.

Envelhecimento e Saúde

Observa-se que aquele que envelhece é portador de um corpo de sensações, cansaços, desejos, contradições, vícios e virtudes acumulados e inscritos na representação do sujeito maduro. A subjetividade contemporânea vem se apropriando cada vez mais de novas representações e discursos recorrentes sobre o que é envelhecer. Nesse sentido, a finitude, a dor e a morte são apagadas e afastadas do repertório de convicções da terceira idade, em que a existência? e a saúde cumprem a tarefa de ser autogeridas e modeladas como meta para alcançar uma vida saudável. Práticas de consumo, lazer, beleza e atividade física são fortemente estimuladas, reforçando-se os laços de pertencimento social e o discurso festivo pela “melhor idade”, no sentido de abandonar os

estereótipos negativos da velhice. Proliferam modelos de verdade amplamente difundidos sobre o envelhecimento e a velhice, cuja reprodução entre especialistas e autoridades competentes circula velozmente nas mídias e redes sociais.

É assim que a Medicina regenerativa anuncia a esperança de cura de todas as doenças fatais que se intensificam após os 60 anos, o que faria desaparecer patologias como doença de *Alzheimer*, diabetes, doenças cardíacas, câncer e muito mais. Os desavisados chamam equivocadamente esse fenômeno de “cura da velhice”, numa alusão de que ser velho é “um mal passível de eliminação” e não uma fase da vida a ser plenamente vivida.

A vida é traduzida a partir da intervenção sobre o corpo passível de cura, aquele que também se submete à eliminação de falhas e regulação de excessos. Sob essa ótica, a velhice não é tomada como uma fase natural do ciclo vital, mas como um período indesejado, patológico, incômodo no seu conjunto e desvalorizado em sua singularidade.

Ao longo das quatro últimas décadas, infinitas ordens de realidade se apresentam ao examinarmos o acontecimento “envelhecer”. A experiência corporal do envelhecimento pode ser percebida na mudança das formas de refletir sobre si, enunciar estratégias e visões de mundo, práticas e comparações com o outro. A memória de uma vida, as percepções dos sinais de idade explicitam as alternativas a serem apreciadas por quem envelhece e por aquele que assiste o outro envelhecer.

Ainda que uma maior fragilidade do corpo e diminuição da capacidade física possam atenuar as certezas de integridade corporal daquele que envelhece, a consciência por maior cuidado e saúde perpassa os desafios atuais da população longeva. Sob esse aspecto, a vida social se rende às sentenças morais que se tornaram próprias à saúde, suas convicções inabaláveis e pré-condições de felicidade. Trata-se de uma saúde

glamourizada, maximizada, diluída no solo cultural e transformada em valor exponencial do nosso tempo. A saúde entronizada socialmente é aquela que tem o poder de vitalizar ações individuais, sociabilidades e práticas sociais; pode-se considerar extraordinária a sua influência nas relações sociais, participando na ordenação dos padrões identitários, códigos de reciprocidade e referências simbólicas dos grupos de pertencimento.

A extrema relevância conquistada pelo setor saúde no cenário contemporâneo aponta para sua influência decisiva na reconstrução dos modos de envelhecer, seus imperativos técnicos e convicções baseadas na racionalidade médica, provocando forte impacto na cultura do envelhecimento que se encontra sob a regulação do biológico, da disciplina corporal e da tentativa de construção de uma vida saudável.

A imagem do corpo na velhice, tanto aquela tradicionalmente destinada ao ócio e à inatividade, quanto às figurações supliciadas por doenças e limitações físicas, permanecem no imaginário social como advertência às escolhas do indivíduo ao longo da vida. A força desse discurso de responsabilização individual pela saúde vai marcar não apenas as políticas de saúde e assistência aos idosos, como determinar o enquadre social daqueles que envelhecem.

Especialistas afirmam no Brasil que a demanda por saúde deste grupo de idade extrapolava as condições de atendimento disponíveis no sistema público de saúde, não havendo recursos ou infraestrutura suficiente. Portanto, propõe-se investir na prevenção e “priorizar ações de saúde voltadas para o idoso saudável...”¹⁰ (p.336). Logo, espera-se do idoso saudável, além da disposição física e bem estar, modificações de comportamento capazes de torná-lo bem humorado, autônomo e feliz. No entanto, a discussão sobre o número de leitos, consultas, exames, bem como a definição de ações prioritárias para o

atendimento aos mais velhos no sistema público sequer passa pelas pautas políticas de governo.

Considerações finais

Aqueles que envelhecem hoje têm sido objeto de um bombardeio midiático, cultural, econômico, por novos padrões de rejuvenescimento, autocuidado, adesão vertiginosa às atividades de turismo, lazer, sendo inclusive altamente estimulados a retornar ao mercado de trabalho. As novas relações do envelhecimento estabelecidas em uma sociedade consumista repercutem em várias esferas. Cenários díspares emergem em conformidade com um amplo universo capaz de gerar uma nova expressividade e sensibilidade cotidiana.

Vivemos um momento único, ao experimentarmos um novo cenário sociodemográfico no mundo, o que significa acompanhar um período de incrível transformação social que está apenas começando.

A sociedade, o mercado, a família conclamam aquele que envelhece a viver o agora, visando à experiência de todas as fruções possíveis, pensáveis e desejáveis. Investe-se no forte apelo social que induz ao aproveitamento prazeroso ou satisfatório de todas as coisas. Estamos diante de um capricho contemporâneo, em que todos são orientados a “realizar”. Exige-se ação, materialização de sonhos e ideias – todos os projetos devem passar pelo crivo do mundo objetivo: viagens, projetos matrimoniais, paternidades tardias e todo aparato para uma vida longa e obrigatoriamente feliz¹. Em meio a esse carrossel de novidades e interações com a idade madura, faltam escuta, atenção à subjetividade, às reais dimensões de conforto, à criatividade e necessidade de independência do mundo que envelhece.

A singularidade do processo de envelhecimento decorre da experiência acumulada ao longo de todas as outras fases da vida. O tempo, o espaço, a memória, as culturas vividas — eis os grandes

fazedores de velhos. O quanto um velho já viu, sentiu criou; suas lembranças, seu fluxo de vida, tudo isso surge como um manancial de experiência acumulada que nos paralisa. Daí a importância de reverenciar aqueles que não temem envelhecer, não se esquivam da relação com a temporalidade e percorrem íntegros sua trajetória de vida.

Referências

1. Birman J. Muitas felicidades?! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade. In: Freire Filho J. (Org.). Ser feliz hoje. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2010. p.27.
2. De Lazzari FP. A voz e a vez do jovem: o imaginário de juventude na publicidade brasileira. (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). São Paulo; 2011.
3. Docter B, Peterson P. Up - altas aventuras. (Animação). Emeryville, California: Pixar Animation Studios; 2009.
4. Dufour D. A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud; 2005.
5. Franco T, Corvino MP, Galavote HS, Lobato E. Biopolítica e cuidado de si na promoção da saúde, na saúde suplementar. In: Ribeiro CDM, Franco TB, Lima RCD, Andrade CS. (Orgs.). Saúde suplementar, biopolítica e Promoção da Saúde. São Paulo: Hucitec; 2011. p.86.
6. Motta AB. A juvenização atual das idades. Cad. Espaço Femin; 2012. 25(2):11-24.
7. Silva LRF. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. História, Ciências, Saúde, Manguinhos. 2008; 15(1):155-168.
8. Telehelp. Índice felizômetro aponta terceira idade satisfeita. (On line). [acessado 15 jul. 2017]. Disponível em: <http://www.telehelp.com.br/indice-felizometro-aponta-terceira-idade-satisfeita/>.
9. Tucherman I. Fabricando corpos: ficção e tecnologia. Comunicação Mídia e Consumo. 2008; 3(7):77-92.
10. Veras R. Novos desafios para o velho país envelhecido. In: Goldemberg M. (Org.). Corpo, envelhecimento e felicidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2011.
11. World Health Organization (WHO). Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Brasília: OPAS, Ministério da Saúde; 2005.